

O FOCO DA MULHER SARAMAGUIANA QUE NÃO CEGA: PARA ALÉM DE UM FIO CONDUTOR NA NARRATIVA, UM EXPERIENCIAR DE RESISTÊNCIA

Pâmpera FERREIRA *

- **RESUMO:** Este trabalho tem como condução central evidenciar dois prismas na personagem da mulher do médico, *Ensaio sobre a cegueira*. Entendendo, como primeiro ponto, que o olhar dela permite ao autor uma conexão profícua com a realidade que se intenciona passar para o leitor, visto que as cenas desse romance são intensamente descritivas e, embora haja um narrador em terceira pessoa, haveria uma distância maior entre essas entidades caso todos os personagens fossem cegos. A outra questão, trata-se de José Saramago (1995) despertar a possibilidade de um ponto de estranhamento, pois, essa mulher assiste toda decrepitude humana ao presenciar o horror da imposição de poder por quem apenas por ter uma arma, mesmo cego, submeteu os confinados à humilhação e violência, ao ponto do estupro. Momento, esse, de estopim: pois, ver suas companheiras serem estupradas consigo, ao limite do feminicídio, levou-a a usar sua notória potência para assassinar esse líder. Certamente, é uma perspectiva vê-la como uma resistência dentro daquela estrutura quase incorruptível de exploração, portanto, a pergunta impositiva é: para que se manter entre os cegos? As possíveis respostas estão em recusar-se a repetições de padrões de poder impostos pela violência. Matou, mas não para ocupar o lugar institucionalizado do “senhor”.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Resistência. Narrativas pandêmicas. José Saramago.

Introdução

Neste artigo, deseja-se evidenciar a mulher do médico, uma vez que é por meio dela que a narrativa de *Ensaio sobre a cegueira* (1995) assume uma perspectiva que aproxima o leitor dos fatos narrados, já que, essa personagem proporciona uma conexão sensorial do que é estar presente naquelas cenas, podendo enxergar tudo o que acontece.

* UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras – Departamento de Letras – Programa de Pós-Graduação em Literaturas. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. – Bolsista FAPERJ. pamera_santos@yahoo.com.br.

Portanto, o foco principal é observar de perto como essa personagem feminina está sendo protagonizada e projetada, tanto intrinsecamente à obra quanto para os possíveis vieses de contextos externos a ela. Entendendo que seu papel excede o de ser apenas uma personagem, para ser um instrumento de diálogos entre diferentes e sensíveis camadas de reflexão.

Ademais, a mulher do médico se apresenta como a possibilidade de sobrevivência do pequeno grupo, que ela lidera junto com o marido, oferecendo-lhes dignidade. Dentro da grande narrativa, ela oferece à humanidade um possível, diante do caos e o estabelecimento do abandono e da guerra, vê-se nela uma postura ética, alguém que poderia, com o seu privilégio de enxergar, exercer poder sobre os demais cegos, a fim de obter vantagens e conforto, mas muito pelo contrário, a mulher do médico julgava seu privilégio um perigo, mantinha-o em segredo o quanto podia, e usava-o apenas para servir e ajudar o marido e amigos o máximo que conseguia.

Perspectivas de uma mulher Saramaguiana

Sabe-se que José Saramago intencionalmente sempre deu a suas personagens femininas um lugar de destaque, envolvendo-as de força e qualidades humanas apreciáveis. Essa sua conduta em relação ao feminino aparece em toda a sua obra e ele mesmo diz:

O personagem central da história é outra vez uma mulher. Porque verdadeiramente, como personagens, quem sempre salva os meus livros são as mulheres. É provável que as mulheres que invento não existam, talvez não sejam mais do que projetos. Em qualquer caso, acrescentarei que o fato de ter sido criado por mulheres, de viver e crescer sempre entre mulheres, pressupôs, em definitivo, ter aprendido com elas o que efetivamente é benéfico, não no sentido utilitário, mas em profundidade e humanismo. Devo isto às mulheres e por isso, assim fica refletido nos meus livros (Saramago, 2013, p. 43-44).

A mulher do médico age de maneira ética ao escolher fazer parte daquele coletivo, ainda que tivesse uma vantagem evidente sobre os demais, ela decide ficar e contribuir com seu pequeno grupo. Para isso, tenta disfarçar-se de cega para pertencer e se proteger. Claramente, sua lógica é outra, completamente distinta das ações do estado e mesmo do coletivo em isolamento.

A mulher, que acompanha o marido até à ambulância, também sobe. Quando o condutor lhe pede que desça, ela responde, mentido, que acaba de perder a visão. Não está cega, mas acompanhará o marido, e este é um primeiro passo para a definição da sua personalidade. Essa mulher não cegará nunca, ainda

*O foco da mulher saramaguiana que não cega:
para além de um fio condutor na narrativa, um experienciar de resistência*

que no momento em que entrou para ambulância eu não o soubesse (...). Podia ser que cegasse no capítulo seguinte, mas de repente, quando nele trabalhava, compreendi que esse personagem, a mulher, não podia cegar, porque havia sido capaz de compaixão, de amor, de respeito, de manter um sentido de profunda dignidade na sua relação com os outros, porque conhecendo a debilidade do ser humano, foi capaz de compreender. E assim nasceu o único personagem que não perde a visão neste mundo de cegos (Saramago, 2013, p. 44).

Portanto, José Saramago dá a esta mulher um palco para atuar com a força dessas escolhas que compõem uma personalidade difícil de acreditar que exista, porque no cotidiano não ficcional do ser humano, se existem tais condutas, elas estão banalizadas pelo egoísmo, maldade e indiferença. Portanto, a persona da mulher do médico é uma exceção tanto em seu universo ficcional, pois não cega, quanto nas vivências capitalistas da humanidade, estejam elas em estado de exceção ou não.

Um escritor que, nesse tempo mais do que nunca, se fez militante de causas sociais e aceitou de peito aberto a impopularidade de lhes dar a sua voz. Os matizes inquietantes que revestem o ser desumanizado da ficção saramaguiana têm nomes próprios: egoísmo, consumismo, dissolução da pessoa, intolerância, crueldade, violência, desconhecimento e até desprezo pelo próximo (Reis, 2016, p. 181).

Carlos Reis (2016) em *Diálogos com Saramago* mostra bem essa importância que o autor dá para algumas pautas de exclusão, como por exemplo, o feminino. A mulher do médico é assim referenciada durante toda a obra, mas o desenrolar de sua história no romance, aponta uma mulher a frente de pertencer a alguém e ao seu tempo.

No 3º capítulo, já se tem o olhar da mulher do médico apoiando o narrador para descrever o lugar de confinamento para onde foi enviado o casal. Eles são os dois primeiros a chegarem no manicômio desativado que servirá de cenário para praticamente 90% da narrativa.

A incerteza sobre quando ela cegará não a preocupa, ela não tem medo de perder a visão, a despeito do local onde a colocaram, sua lucidez é o que mantém suas ações coerentes, como diz seu próprio autor-criador, José Saramago (2013), ao comentar sobre a obra, ela não cega por ser o que se espera de um ser humano. Talvez, por isso mesmo, entre em tanto contraste com as outras camadas de ações: as do estado e as do coletivo em estado de exceção. O que se presume como mínimo em ser humano, encontra significativo contraste entre teoria e prática, tornando o fazer simples da mulher do médico algo muito superior, não é mais difícil agir com ética, apenas não é vantajoso nas culturas imperialistas que culminaram no capitalismo, já bem avantajado no final do século XX.

Após a escuta do áudio gravado com as regras do governo, fica claro que aquele espaço de isolamento está abandonado pelo estado, portanto, era preciso pensar em como seria organizada a convivência entre eles e se haveria ou não necessidade de uma autoridade. Os primeiros a entrarem no cômodo, em que estava o médico e a sua mulher, eram conhecidos dele, pois eram seus pacientes. A partir dessa ausência do estado, começam a surgir os conflitos de comportamentos para se estabelecer uma convivência, e, conseqüentemente, um novo coletivo.

A mulher do médico agarrou o marido por um braço, sabia que sozinha não poderia acabar com a briga, e levou-o pela coxa até onde se debatiam, resfolgando os lutadores furiosos. Guiou as mãos do marido, ela própria tomou à sua conta o cego que encontrou mais a jeito, e com grande esforço conseguiram separá-los. Estão a comportar-se estupidamente, ralhou o médico, se a vossa ideia é fazer disto um inferno, continuem que vão por bom caminho, mas lembrem-se de que estamos entregues a nós próprios. (...) Ele roubou-me o carro, (...) Deixe lá, agora tanto lhe faz, disse a mulher do médico, você já não podia servir-se dele quando lho roubaram (Saramago, 1995, p. 54).

Na primeira noite dessas adaptações no manicômio, há uma primeira reflexão dessa mulher sobre o que está acontecendo ao seu redor, com o descaso do estado com esses infectados e com ela que já não sabia se iria cegar, assusta-a a condição não-humana em que estão imersos.

Essa é uma passagem importante na obra, pois passa-se a saber não apenas as ações (até então o narrador também é observador diante dela), mas o que essa personagem está pensando e o quanto ela revela essa fase da obra do autor, a qual ele chamou de **a pedra**, pois, rapidamente, ela faz uma reflexão sobre quem é esse “novo” humano, que paradoxalmente parece estar mais próximo ao animal, em consequência disso, com o tempo, que importância teriam os nomes, essa invenção tão humana e racional. Novamente, a mulher do médico eclodindo percepções importantes para o que ocorre internamente na narrativa e para pensar que humanidade é essa que o autor está capturando na virada do século XX para o XXI.

O abandono do estado coloca esses cegos em convivência, obviamente, com algo desprovido de imagens, são existências na sua forma mais bruta, tornando possível observar, em essência, quem são essas pessoas, portanto, um perfeito exemplo da **estátua à pedra**.

A mulher do médico já não aguentava assistir tanta decrepitude tendo que disfarçar que era cega, todas aquelas amalgamas sensoriais de fedor e sujeira, tornara-se enlouquecedor continuar enxergando, a cada momento parecia mais aliviador cegar também. O excesso de realidade, sensibilidade e lucidez angustia, faz parecer que não há saída possível, principalmente, por se estar em minoria,

quando não raras vezes, sozinho, como era o caso dessa mulher. Por mais que imaginasse as piores consequências, ao menos contar que não cegara, ainda era urgente para não enlouquecer.

E tu, como queres tu que continue a olhar para estas misérias, tê-las permanentemente diante dos olhos, e não mexer um dedo para ajudar, o que fazes já é muito, Que faço eu, se a minha maior preocupação é evitar que alguém se aperceba de que vejo, alguns irão odiar-te por veres, não creias que a cegueira nos tornou melhor, Também não nos tornou piores, Vamos a caminho disso, vê tu só o que se passa quando chega a altura de distribuir a comida, Precisamente, uma pessoa que visse poderia tomar a seu cargo a divisão dos alimentos por todos que estão aqui, fazê-lo com equidade, com critério, deixaria de haver protestos, acabariam essas disputas que me põem louca, tu não sabes o que é ver dois cegos a lutarem, lutar foi sempre, mais ou menos, uma forma de cegueira, Isto é diferente, Farás o que melhor te parecer, mas não te esqueças daquilo que somos aqui, cegos, simplesmente cegos, cegos sem retórica nem comiserações (Saramago, 1995, p. 135).

Nesse diálogo, do capítulo nove, que ocorre entre o médico e a esposa, o médico deixa claro que passar pela experiência da cegueira não trouxe nenhuma alteração a quem são em essência, que o mais provável é que tenham piorado, tentando mostrar a esposa que ela não deveria contar que enxergava aos demais cegos. A passagem por momentos de mazela gera a falsa sensação de que as pessoas se tornarão melhores por estarem ou já terem atravessado esse desprazer, como se isso gerasse automaticamente um aprendizado. Porém, a história dos humanos vem provando que não, que é mais fácil, em caso de sobrevivência ou enquanto durar a existência, refinar as formas de crueldade e indiferença. Por isso, o médico tentava alertar a esposa que contar aos outros cegos que ela enxergava era só uma forma de se torturar mais, por mais resolução prática que tivesse da realidade, cegos continuam sendo quem são cegos, assim como, a ignorância não se muda por ouvir ou produzir teorias, mas por ousar o trabalho de praticá-las. Tem-se, portanto, mais uma vez essa tensão entre o possível aceitável de um ser humano, refletido na mulher do médico, e a realidade das práticas humanas que se afastam desse ideal, o médico exemplifica isso por meio da confusão que se forma para algo simples e necessário a todos que é a alimentação, mal podendo supor que isso pioraria.

Por fim, ao tentar sair do pensamento e colocar em ato contar para os outros que não cegou, a mulher do médico viu-se covarde para isso e manteve seu segredo porque pensava não ter como servir a todos, afinal limpar aquelas amalgamas sensoriais de fedor e sujeira não era possível sozinho. Em momento algum, ela imaginou tirar proveito da situação, porém, mais uma vez, em um contraponto às suas atitudes, a narrativa tem um salto de perversidade e crueldade em seu ambiente

de manicômio abandonado, pois uma nova liderança, também cega, assume o controle da comida, e, em um exercício único de algo além da irracionalidade, resolve cobrar para repassar os alimentos para os outros cegos.

Os protestos saltaram de todos os lados na camarata, Não pode ser, Tirarem-nos a nossa comida, Cambada de gatunos, Uma vergonha, cegos contra cegos, nunca esperei ter de viver para ver uma coisa destas, Vamo-nos queixar ao sargento. (...) o pior é que estão armados, Armados, como, Paus pelo menos têm eles, ainda me dói este braço da pancada que levei, disse um dos outros, Vamos tentar resolver isto às boas, disse o médico, (...) Quando alcançaram o átrio, a mulher do médico compreendeu logo que nenhuma conversação diplomática iria ser possível, e que provavelmente não o seria nunca. No meio do átrio, rodeando as caixas da comida, um círculo de cegos armados de paus e de ferro de cama (Saramago, 1995, p.138).

Esse é um momento de bastante apreensão nos acontecimentos internos à narrativa, que geram reflexão ao externo, afinal como é possível que semelhantes em sofrimento não se unam, mas pelo contrário militem uns contra os outros? Nesse caso específico, como pura necessidade de exercício de poder, uma vez que não faz diferença cobrar um valor as pessoas, já que não poderiam ver os objetos, mas, principalmente, não poderiam repassar para tornar lucro esses valores. Neste cenário, o primeiro encontro, talvez a melhor palavra fosse contraste, entre a mulher do médico e a nova liderança do manicômio, deu-se de maneira ameaçadora para ambas as partes. A primeira ameaça pela sua lucidez e clareza nas perguntas, pois enxerga bem a realidade, por isso não se sente melindrada, deixando a ignorância do outro ficar em evidência; já o segundo, ameaça dando tiros para o alto, impondo as suas regras sem sentido.

A comida passa a ser vendida, quem quiser comer, paga, Pagamos como, perguntou a mulher do médico, Eu disse que não queria que ninguém falasse, berrou o da pistola, agitando a arma a sua frente, alguém terá de falar, precisamos saber como deveremos proceder, aonde vamos buscar a comida, se vamos todos juntos ou um de cada vez, (...) quanto nos vai custar um café com leite e uma bolacha, A gaja está mesmo a pedir poucas, disse a mesma voz, Deixa-a comigo, (...) nós veremos que quantidade de comida merecem, mas ficam mais uma vez avisados, livrem-se de esconder qualquer coisa porque lhes sairá muito caro, (...) Levantou o braço e disparou outro tiro. Caiu mais um bocado de estuque. E tu, disse o da pistola, não me hei-de esquecer da tua voz, Nem eu da tua cara, respondeu a mulher do médico (Saramago, 1995, p. 141).

Esta mulher, embora tenha um comportamento gentil e lúcido não espera o mesmo dos demais, é capaz de ver a debilidade do outro e escolher a razão em vez

do julgamento, sua pergunta ao novo líder dos cegos é pautada nas próprias regras estabelecidas por ele, mas ainda assim incomoda, pois quem se impõe pelo medo não é capaz de argumentos sólidos, apenas silencia o outro pela violência.

Novamente, têm-se acesso aos pensamentos e não apenas às ações desta mulher e o leitor encontra-se mais uma vez diante da gênese de um comportamento, que a priori jamais se imaginaria na mente desta mulher.

com os olhos fitos na tesoura pendurada na parede, a mulher do médico estava a perguntar-se a si mesma, De que me serve ver. Servira-lhe para saber do horror mais do que pudera imaginar alguma vez, servira-lhe para ter desejado estar cega, nada senão isso. (...) uma pistola comum não faz muito ruído. Uma tesoura ainda menos, pensou a mulher do médico. Não se perguntou inutilmente de onde lhe viera um tal pensamento, apenas se surpreendeu com a lentidão dele, como a primeira palavra tinha tardado tanto a aparecer, o vagar das seguintes, e como depois achou que o pensamento já lá se encontrava antes, onde quer que fosse, e só as palavras lhe faltavam (Saramago, 1995, p. 154-155).

Primeiramente, após o contato com tanta ignorância, resultando em agressão, é contundente perceber que a razão não vencerá por argumentos, logo, terá que se render à violência instigada pelo outro, seja para se submeter ou para reagir, portanto, quando ela olha para a tesoura e pensa que de nada lhe serviu até agora enxergar, já não está mais no lugar de servir e pertencer ao coletivo, mas de alguém que quer ver utilidade nessa vantagem. Em seguida, parte de si para os objetos, pensa sobre ele ter uma arma, uma pistola, que faz barulho e ela uma que faz menos barulho, uma tesoura, outra vantagem estabelecida, a ideia de tais benefícios já permeavam seus pensamentos, mas agora, posta em palavras, ela começa a dar-se conta de até onde eles poderiam ir.

Sexo não consensual: estupro seguido de mortes

No capítulo onze da narrativa, tem-se o ponto alto de contraste entre as complexidades da convivência e o horror da perversidade, por meio da banalização do outro. O ato sexual é o tema em questão, sendo narrado tanto em uma perspectiva de consentimento quanto de abuso, ao extremo do estupro. Os limites dos corpos são ultrapassados e atravessados, primeiramente, tem-se, nessa temática, a rapariga dos óculos escuros, que sendo a mulher mais bonita do local resolve deitar-se voluntariamente com o velho da venda preta.

O degrau seguinte, na narrativa desse capítulo, costura-se com a frase “certas coisas o melhor é deixar sem explicação, não interrogar o íntimo das pessoas” (Saramago, 1995, p. 171) e dá-se com um adultério cometido pelo médico com a rapariga dos óculos escuros e testemunhado pela sua esposa.

Olhava desesperada a porta no outro extremo, aquela por onde tinham entrado num dia que já parecia distante e que não levava agora a parte alguma. Assim estava quando viu o marido levantar-se e, de olhos, fixos, como sonâmbulo, dirigir-se à cama da rapariga dos óculos escuros. Não fez um gesto para o deter. De pé, sem se mexer, viu como ele levantava as cobertas e depois se deitava ao lado dela, como a rapariga despertou e o recebeu sem protesto, como as duas bocas se buscaram e encontraram, e depois o que tinha que suceder sucedeu, o prazer de um, o prazer do outro, prazer de ambos, os murmúrios abafados, ela disse, Ó senhor doutor (...), Desculpa, não sei o que me deu (Saramago, 1995, p. 171)

Antes de ver essa cena, o narrador mostra que a mulher do médico se levantou em um gesto de generosidade para cobrir alguém e ao ficar um tempo parada, olhando para porta, sentiu-se desesperada, ou seja, já havia um esgotamento de percepções a serem assimiladas, tudo já estava suficientemente sem sentido, para ter que literalmente encarar mais essa visão. Seu marido, a priori, a motivação que a fez parar naquele local, resolveu voluntariamente deitar-se com outra.

Seria compreensível, mesmo para esta mulher, ter qualquer tipo de reação de repulsa ao ocorrido, mas, mais uma vez, os gestos dela se contrapõem ao senso comum, ela não apenas assistiu a tudo calada como ainda foi ao encontro dos dois e interrompeu a tentativa de justificativa de seu marido com uma resposta digna: “não te levantes (...), se não disseres nada compreenderei melhor” (Saramago, 199, p. 172).

A rapariga dos óculos escuros chorava tentando aliviar a sua culpa, pois reconhecia que também quis aquilo, mas a mulher do médico não a deixa falar, fazendo reverência ao silêncio e retomando essa perspectiva do narrador que já vem sendo construída desde o sexo com o velho da venda preta: há coisas que não têm explicação.

Há, porém, após o silêncio, uma cena ainda inquietante, a mulher do médico resolve, naquele momento, revelar para a rapariga dos óculos escuros que ela não é cega, algo que poderia ser perfeitamente um pequeno sadismo ou mesmo vingança, desloca-se para uma nova sequência de gestos de solidariedade feitos por esta mulher, permitindo que ambas tenham um diálogo de afetos, quase intangível, por tratar o assunto de algo paradoxal a cena anterior: a confiança.

Mais uma vez causa estranhamento pensar se tal personalidade existe do ponto de vista das práticas humanas ou trata-se de um possível, mas ainda ficcional. Fato é que tais feitos são diametralmente opostos ao que vem a seguir. Após todos os protestos e perplexidades, chega-se à indignidade humana de trocar sexo para se alimentar, portanto, sobreviver. Sob todos os pontos de vista é inimaginável que em um confinamento, por epidemia, a banalização do outro ganhe proporções aviltantes a esse nível.

A decisão de entregar seus corpos para abusos em troca de comida, que alimentaria também os homens de suas camaratas, não se deu sem que alguns homens quisessem intervir na decisão, como se estivessem a discutir uma “invasão de propriedade”, como foi o caso do primeiro cego que não queria que sua mulher fosse, simplesmente, por que era sua. Após rebatidas as intervenções morais, finalmente as mulheres, com suas próprias vozes, chegaram ao consenso de irem todas.

As cenas de estupro, nessa narrativa, são o ápice da desconstrução do ideal de um humano, afinal há uma invasão violenta de corpos, que são a melhor percepção de privado. Precisar passar por isso para se alimentar, em outras palavras, manter-se vivo, é no fundo questionar que vida é essa que se quer preservar ao resistir a todo preço, se meu próprio semelhante não me enxerga como semelhante? Qual o limite ou não há limite para essa necessidade de dominação e poder? Uma vez que, neste caso, o que está em questão não é a sobrevivência ou a defesa de um ideal, para citar razões irracionais e racionais, que por vezes se usam para justificar, como se fosse possível, a violência; trata-se da perversidade em seu grau zero, aquilo que excede aos limites tanto animais quanto humanos de comportamento.

As mulheres, todas elas, já estavam a gritar, ouviam-se golpes, bofetadas, ordens, Calem-se, suas putas, estas gajas são todas iguais, sempre têm de pôr-se aos berros, dá-lhe com força, que se calará (...). A cega das insónias uivava de desespero debaixo de um cego gordo, as outras quatro estavam rodeadas de homens com as calças arriadas que se empurravam uns aos outros como hienas em redor de uma carcaça. A mulher do médico estava de pé, com as mãos convulsas apertando os ferros da cama, viu como o cego da pistola puxou e rasgou a saia da rapariga de óculos escuros, apontou o sexo ao sexo da rapariga, como empurrou e forçou (Saramago, 1995, p. 176).

A narrativa dessa cena acontece por observação e imprime, por meio de sons e aparência de animais, a impotência dessas mulheres diante da força bruta do outro. Mesmo a mulher do médico que pôde enxergar tudo, neste momento está horizontalizada, apenas mais uma a compor o espetáculo de horror, aguardando a sua vez de também ser violentamente penetrada.

O embate entre a mulher do médico e o “chefe dos malvados”, aciona nela a vontade de devolução, mesmo que por sobrevivência, da violência até agora recebida, percebe-se que o contrário jamais aconteceria; o chefe dos malvados não era capaz de agir como aquela mulher, tornando-a mais ficcional do que ele, uma vez que uma cena de estupro, apesar do horror e repulsa que causa, tem mais verossimilhança que a conduta completamente ética apresentada pela mulher do médico até agora. A lógica prática do uso das forças ainda se dá pela violência e não pelo reconhecimento do outro.

Os estupro continuaram até ao amanhecer, momento em que eles as liberaram e uma nova morte ocorre, a mulher das insônias não suporta os maus-tratos e falece. Aquelas mulheres sentiam o corpo daquela mulher morta, sujo de sangue, em decorrência dos abusos e percebiam a si próprias, a diferença era apenas o tempo: “este é o retrato do meu corpo, pensou, o retrato do corpo de quantas aqui vamos, entre estes insultos e as nossas dores não há mais do que uma diferença, nós, por enquanto, ainda estamos vivas (Saramago, 1995, p.178-179). Não é apenas a morte de uma mulher, é a total perda de perspectiva em se pensar uma realidade melhor para as outras mulheres que ficam, como (sobre)viver a isso?

A mulher do médico responde a questão com a delicadeza do cuidado, mais uma vez trilha seus passos em direção à dignidade humana, resolvendo dar um banho no corpo da cega das insônias, a fim de que ao menos ela tivesse um enterro respeitável, ainda que ninguém fosse ver, só há cegos naquele manicômio, ainda que morta, um último tratamento com atenção, que talvez ela não tenha recebido em toda a sua vida. Novamente, José Saramago faz emergir, após cenas de puro horror, uma forma de ser humano, que não parece real, por não ser comum, mas que precisa ser possível para que se continue a vida.

Esta protagonista já sabia o que fazer com a tesoura desde que a escondeu, mas foi a morte de uma de suas conhecidas que a fez determinada a usar este objeto para assassinar o chefe dos malvados e aproximar-se mais do que se espera de alguém que detém o poder que ela tem, afinal ele cego com sua pistola não poderia ir contra uma mulher que enxerga. Quando a nova leva de mulheres de outra camarata estava a caminho dos abusos, ela se infiltrou no meio delas, no momento em que os homens estavam vulneráveis em seus próprios prazeres, ela atacou.

Ia ser simples matá-lo. (...) a mulher do médico observava os movimentos daquele que não tardaria a matar, como o gozo o fazia inclinar a cabeça para trás, como já parecia estar a oferece-lhe o pescoço. Devagar, a mulher do médico aproximou-se, (...) Não chegarás a gozar, pensou a mulher do médico, e fez descer violentamente o braço. A tesoura enterrou-se com toda a força na garganta do cego, girando sobre si mesma lutou contra as cartilagens e os tecidos membranosos, depois furiosamente continuou até ser detida pelas vértebras cervicais (Saramago, 1995, p. 185).

Esse é o momento da narrativa em que a mulher do médico assume o seu ponto alto de poder, pois ela não apenas enxerga em terra de cegos, como também mata, aquilo que os outros apenas ameaçavam fazer para tirar vantagem dos que temiam pela vida, ela fez em forma de justiça. Os cegos malvados não se importavam em matar, mas ela, sim, e, ainda assim, matou.

A persona da mulher do médico cruzou um limite inimaginável, embora tenha sido levada a esse lugar por crescentes formas de violência e banalização da

maldade, ela podia enxergar, e fez uso disso para matar a quem já não suportava mais os abusos. Quando se questiona quanto ao seu ato, pensa que faria outra vez se fosse necessário.

Nesse momento do livro, novamente o narrador dá ao leitor acesso aos pensamentos desta mulher que agora se autoriza a matar e se questiona quando se deve matar, encontrando como resposta, em si mesma, palavras que dão margem para diferentes possibilidades de reflexão: **“Quando já está morto o que ainda é vivo”** (Saramago, 1995, p. 189, grifo meu). Quem é esse morto/vivo? alguém como o chefe dos malvados que rompeu com todos os limites de convivência saudável em sociedade, ao ponto de alienar-se completamente quanto à existência do outro? E os cegos confinados naquele manicômio, não parecem mortos/ vivos, sobretudo para o estado? Agora que a mulher do médico pode matar, pois se autoriza, caso seja necessário, qualquer um pode, uma vez que os outros já se sentiam autorizados a fazer isso, de forma mais velada, como o estado gosta de agir; ou de maneira mais explícita, como a do chefe dos malvados. O que importa é que a vida está continuamente ameaçada, tornando-se difícil enxergar possíveis, já que a frase sugere uma inversão da ordem, **“já está morto”** perdeu sua efemeridade, sua capacidade de não repetir, de estar sempre em movimento, de ser atravessado pela finitude, de ser humano, na sua forma mais radical. **“o que ainda é vivo”** não quer dar conta da existência, pois ela não faz diferença, não tem mais importância, já houve uma primeira morte, e este é o ponto: quem a provocou? Silêncio. Nenhuma resposta será completa, por isso são só **“palavras, palavras e nada mais”** (Saramago, 1995, p. 189, grifo meu).

O final do capítulo doze, marca o fim do confinamento, da quarentena, e deixa no ar uma perspectiva da mulher do médico como heroína, gritando aos cegos que eles estavam livres, tendo ao fundo, como cenário, algo similar ao desfecho de uma guerra: fogo, sangue, correria, pessoas esmagadas, delimitando não o fim da cegueira, mas da era no manicômio. É possível apreender que a cegueira e o confinamento ou não mudaram as pessoas, porque elas sempre foram assim, só não tinham tempo para enxergar isso, ou as transformaram para pior.

O grupo que ia com a mulher do médico contou com seus olhos para conseguir alimento, roupas, direção e proteção. Ela seguia ajudando-os, pois isso a mantinha esperançosa e presa ao presente, porém, os cegos estavam mais sensíveis para perceber que não há perspectiva, que a vida recuou ao ponto zero da sobrevivência.

Em um pequeno diálogo existencial, refletindo como eles vão viver a partir dessa vida fragmentada, entre antes de perder a visão e até quando a cegueira durar, sentem-se atravessados por essa questão, que possui camadas de percepção, pois, se dão conta de que o tempo é uma invenção humana, portanto, se o ser humano se tornou outro o tempo também. Por um lado, tem-se a adaptação da humanidade a uma forma reduzida de sua potência, afinal enxergar completa os sentidos; mas tem-se, ainda, o prisma que a mulher do médico traz, uma vez que a cegueira

pôs luz a uma essência humana corrompida em seus valores, tanto que, apesar de enxergar, esta mulher percebe-se reduzida, em sua humanidade, pois matou alguém. Logo, ter ou não ter visão não faz diferença para a questão de ser humano, afinal a expectativa de um ideal de humano é falha, basta que se coloque a prova.

Nessa parte final do romance, a mulher do médico, em sua casa, mantém-se como cuidadora de seu pequeno grupo, porém as condições de alimentação tornaram-se insustentáveis, embora enxergar ainda fosse alguma vantagem, a cada busca por refeições, ela não tinha mais onde encontrar comida. Ainda assim, mesmo cansada, sua insistência pela sobrevivência era latente.

Essa é uma reflexão de resistência em prol da vida (como ela é): sem grandes projeções, holofotes ou um fim que a justifique. A mulher do médico era capaz de viver bem e com cuidado essa vida que é cega, que não sabe onde vai, que depende do ser humano fazê-la acontecer. E por que ela tem essa capacidade resiste às adversidades e passa a ser um ser humano possível, não perfeito ou sem pecados, como o modelo (de humano) Jesus é vendido, ela matou alguém por justiça, mas por vontade própria também, mas ainda assim, luta pela vida, dentro e fora da ficção quer garantir a sua existência, podendo, nesses termos ser uma espécie de heroína da humanidade da qual o autor retrata.

Considerações finais

Os gestos da mulher do médico continuam sutis e simples, de uma vida ordinária, porém generosos e possíveis, como por exemplo, em um episódio de madrugada chuvosa, ela levanta-se para lavar as roupas de todos e armazenar água para todos, atraindo a presença das outras mulheres da casa, e juntas, elas compõem a cena mais esperançosa e de gentileza entre o feminino, ao que hoje chamamos de sororidade.

José Saramago traz seu olhar para o feminino, não para associá-lo ao doméstico, mas para evidenciar que se há alguma oportunidade para humanidade viver algo diferente e melhor, essa se dará pela presença, ação e perspectiva do feminino.

Ao final do romance, as pessoas vão voltando aos poucos a enxergar e a mulher do médico a ser apenas mais uma que vê, porém com a memória do tempo todo ter visto o que ninguém mais viu. Selando o seu papel de protagonista tanto como grande apoio sensorial ao narrador como defensora da vida e seus diferentes e múltiplos sentidos.

SANTOS, P F. The Focus of the Saramaguian Woman who does not go blind: beyond a guiding in the narrative thread, an experience of resistance. **Itinerários**, Araraquara, n. 59, v. 2, p. 69-81, jul./dez. 2024.

*O foco da mulher saramaguiana que não cega:
para além de um fio condutor na narrativa, um experienciar de resistência*

- **ABSTRACT:** *This work primarily aims to highlight two aspects of the character of the doctor's wife in *Blindness*. The first point to consider is that her vision allows the author to establish a productive connection with the reality intended to be conveyed to the reader, given that the scenes in this novel are intensely descriptive. Although there is a third-person narrator, there would be a greater distance between these entities if all the characters were blind. The other issue concerns José Saramago (1995) evoking the possibility of a point of estrangement, as this woman witnesses the full extent of human decay by observing the horror of the imposition of power by someone who, despite being blind, was able to subject the confined to humiliation and violence, even to the point of rape, simply because he possessed a weapon. This was a pivotal moment: seeing her companions being raped alongside her to the brink of femicide drove her to use her remarkable strength to kill this leader. Certainly, one perspective is to view her as a form of resistance within that nearly incorruptible structure of exploitation. Therefore, the pressing question is: why remain among the blind? The possible answers lie in her refusal to repeat patterns of power imposed by violence. She killed, but not to take the institutionalised place of the "master".*
- **KEYWORDS:** *Resistance. Pandemic Narratives. José Saramago.*

REFERÊNCIAS

REIS, Carlos. **Diálogos com José Saramago**. Porto: Porto Editora, 2015.

SARAMAGO, José de Sousa. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Da estátua à pedra e discursos de Estocolmo**. Belém: Ed.ufpa, Lisboa: Fundação José Saramago, 2013.

